

O MEDO DE VIVER A CIDADE: OS MÚLTIPLOS DISCURSOS E A REGULAÇÃO DA PERFORMATIVIDADE DE CORPOS LGBTQIA+

PEDRO DE MOURA ALVES¹; TIARAJU SALINI DUARTE²;

¹Universidade Federal de Pelotas – mooura@live.com

²Universidade Federal de Pelotas – tiaraju.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O urbano é palco de intensos conflitos e ações humanas, sendo um dos elementos que compõem as suas dinâmicas e perpassam os diversos corpos são os discursos. Assim, os discursos se concebem como um "conjunto de regras de produção da verdade", objetivando constituir princípios aceitáveis de comportamento. (FOUCAULT, 1995).

Em certas condições, os sujeitos são afetados por sua memória discursiva, isto é, por informações já ditas, produzindo sentidos a partir de normas sociais que se refletem em suas performatividades e na (re)produção do espaço urbano. As performatividades são o conjunto de práticas discursivas que reiteram certos contextos normativos a determinadas identidades, ditando os comportamentos aceitáveis ou não dentro dos limites que compõem o poder. (BUTLER, 2009).

Frente a este contexto, os discursos que estabelecem as práticas cotidianas produzem processos de exclusão e, neste sentido, elencamos como objetivo geral do trabalho demonstrar como a ordem discursiva hegemônica produz um medo constante em atores da comunidade LGBTQIA+ no espaço urbano.

A sigla LGBTQIA+ representa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais e as demais intersecções que compõem essas comunidades, designando um coletivo de sujeitos que não fazem parte de uma sexualidade heterossexual e/ou de uma normativa cisgênera enquanto gênero.

2. METODOLOGIA

Em um primeiro momento, o presente trabalho teve como base a revisão bibliográfica, onde foram buscados artigos, revistas acadêmicas, anais de eventos, e livros que contemplem os assuntos da área da geografia urbana, discurso, performatividade e populações LGBTQIA+. Desta forma, foram escolhidos quatro autores.

O teórico Henri Lefebvre (1991), apresenta através de discussões sobre o espaço urbano, como um espaço modelado, ocupado pelas diferentes atividades sociais no decorrer de um tempo, sendo resultado de relações socioespaciais que possibilitam revelar a realidade social produzida pela mediação de processos históricos.

Para sobre discurso foi utilizado Michael Foucault em que ele diz que discurso não pode ser visto apenas enquanto signos, mas enquanto "práticas que formam sistematicamente os objetos de que fala (FOUCAULT, 1995)[...]". Logo, as palavras se relacionam de maneira complexa, constituindo-se enquanto uma relação histórica, repleta de construções e interpretações.

Para abordar performatividade é utilizado Butler (2019) através de suas análises sobre gênero que integram-se fisicamente por meio de atos performativos. Nestas não se trata de algo com que se nasce, nem algo que se

possui, mas algo que se faz e que se desempenha através da linguagem (BUTLER, 2019). Portanto, refuta-se a ideia de que o sexo biológico seja anterior ao gênero, ao passo que nossas identificações com o binarismo, homem e/ou mulheres, não são advindas de uma essência biológica, mas sim uma ordem discursiva sobre gênero que são repetidos diariamente. Entende-se que essas normativas ao serem frequentemente repetidas no decorrer da vida social, por muitas vezes, acabam influenciando e impondo os indivíduos a viverem nelas

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mesmo que o viver no espaço urbano seja permeado pelo o encontro de corpos que estão a se mover com diferentes identidades e narrativas que atuam na sua construção, esse também se constitui enquanto um espaço de disputa por inúmeros discursos. Sendo assim, para pensar a produção do espaço urbano torna-se crucial compreender os discursos que integram a construção do mesmo.

Para o autor Lefebvre (1991) “a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos diferentes modos de viver”. Assim, a partir das relações de trabalho e as transformações decorrentes delas, os atores criam/assimilam idéias e valores que permeiam suas relações sociais.

Apesar das múltiplas formas e meios pelos quais a cidade é construída e ocupada a partir das diferentes identidades que a compõem, é permanente a tentativa de impor “modelos” e “formas” por meio de discursos que buscam padronizar os diferentes indivíduos que ocupam. Há uma intensa busca por um discurso linear que invisibiliza todos os comportamentos considerados “desviantes” dos corpos que não seguem padrão social estabelecido pelo discurso dominante.

Foucault (2008) entende que o discurso é representado por “um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definem em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa”. De acordo com essa perspectiva, os discursos (FOUCAULT, 2008) através de sua aplicação e produção nas instituições e nas relações entre os indivíduos definem e determinam comportamentos hegemônicos que compõem o espaço urbano, objetivando constituir princípios aceitáveis de papéis sociais.

Em certas condições, os sujeitos são afetados por sua memória discursiva, isto é, por informações já ditas, produzindo sentidos a partir de normas sociais que se refletem em suas performatividades e na (re)produção do espaço urbano. Assim, as reproduções de normas de gênero e sexualidade. Segundo Butler

A teoria da performatividade de gênero pressupõe que as normas atuam sobre nós antes de termos a chance de agir de alguma forma, e quando agimos, recapitulamos as normas que agem sobre nós, talvez de maneiras novas ou inesperadas, mas ainda em relação às normas que nos precedem e nos excedem (BUTLER, 2009)

Dentro desta discussão a identidade sexual e de gênero são entendidas aqui como realidades produtivas a partir de atos performativos. Tais atos estão intrinsecamente relacionados com o espaço geográfico, principalmente com o espaço urbano, caracterizado pela produção de um gênero cisgênero e uma sexualidade heterossexual. Assim, o espaço urbano é operado a partir da

exclusão populações LGBTQIA+ e todas construções sexuais e de gênero desalinhadas de uma cis-heteronormatividade.

Podemos compreender então que se edifica nas cidades discursos responsáveis por reforçar determinados atos performativos de gênero e sexualidade (BUTLER, 2009), culminando na construção do medo de viver o urbano, edificando um modelo de ocupação e organização urbana em que determinados atores são indesejados.

Logo, torna-se importante compreender que os discursos que produzem medo na cidade propiciam a construção de dinâmicas alteram a forma de viver o urbano, influenciando e limitando a mobilidade, gestos, afetos da população LGBTQIA+ e até mesmo restringindo o acesso a certos espaços devido ao medo da violência.

A brutalização desses corpos evidencia um processo geográfico desigual, mas, principalmente, violento, já que essa população são mortas brutalmente com marcas profundas de violência e violação. Desde o ano de 2008, houve um aumento significativo no número de assassinatos de pessoas LGBTQIA+ com base nos relatórios divulgados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB). No ano de 2008, ocorreram 187 assassinatos, 198 assassinatos em 2009, 260 assassinatos em 2010 (um aumento de 31 % em relação ao ano anterior), 266 assassinatos em 2011, 338 assassinatos em 2012 (aumento de 25 % em relação ao ano anterior), 312 assassinatos em 2013, 326 assassinatos em 2014, 318 assassinatos em 2015, 343 assassinatos em 2016, 445 assassinatos em 2017 (atingindo o maior número de assassinatos da história dos relatórios), 420 assassinatos no ano de 2018 e, por fim, 329 mortes em 2019.

4. CONCLUSÕES

Os discursos que compõem o espaço urbano e de determinados grupos limitam a mobilidade e as performatividades da população LGBTQIA+, restringindo o acesso a certos espaços devido ao medo e a materialização da violência. Neste sentido, demonstrou-se que a "higienização" e a "limpeza" da cidade vão ganhando contornos em que a experiência LGBTQIA+ só pode ser vivida em lugares restritos.

Os diferentes discursos que compõem a cidade se erguem enquanto um reflexo dos interesses e pensamento de grupos dominantes na sociedade. Neste sentido, podemos demonstrar que existe no espaço urbano a formação de discursos que buscam produzir a sensação de verdade enquanto lógica discursiva, desenvolvendo espaços fragmentados que ocasionam o medo da cidade para público LGBTQIA+.

Pensar em uma cidade democrática significa repensar a distribuição dos corpos e identidades no espaço urbano, sob a ótica do Direito à Cidade (LEFEBVRE, 1991), produzindo locais mais seguros e inclusivos para diferentes públicos. Essas mudanças acontecerão a partir do momento em que sejam promovidos debates que abordem sobre uma cidade com diversidade enquanto valor. Logo, buscamos por um urbano em que corpos considerados "dissidentes" da norma de gênero e de sexualidade transitem, habitem e possam ser quem são nos diferentes espaços da cidade.

Como expressam Souza e Feliciano (2019) o surgimento do Movimento LGBTQIA+ brasileiro é marcado por um constante enfrentamento das normas vigentes ao exercício e a prática da LGBTQIAfobia, que fere diariamente os corpos e a dignidade dos sujeitos LGBTQIA+, mas, sobretudo, as identidades

desses corpos se faz presente em diferentes espaços buscando resistir cotidianamente a diferentes opressões.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. **Performativity, precarity and sexual politics**. Revista de Antropología Iberoamericana, Madrid, Antropólogos Iberoamericanos, v. 4, n. 3, p. 01-13, dez. 2009.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**, São Paulo, Ed. Moraes, 1991.

FOUCAULT, **Michael**. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

SOUZA, W. V. F.; FELICIANO, C. **A. Que movimento é esse: uma leitura histórica e socioespacial do movimento LGBT de Presidente Prudente/SP**. In: Revista Geografia em Atos (GeoAtos online) - 60 anos do curso de Geografia da FCT/UNESP: memórias e desafios - v. 08, n. 15, p. 136- 165, dez/2019. DOI: 10.35416/geoatos.v8i15.6990.

Mott L, Michels E. Relatório 2019: **Assassinatos de LGBT no Brasil. Grupo Gay da Bahia - GGB**; 2019. Disponível em:
<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>